

Memória da resistência antifranquista em Maquis

Profa. Dra. Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari (UNESP)¹

Resumo:

*Após publicar alguns romances experimentalistas, o escritor valenciano Alfons Cervera passou a dedicar-se ao tema da recuperação da memória histórica da pós-guerra espanhola. Dentre suas obras, destaca-se a trilogia composta pelos livros *El color del crepúsculo* (1995), *Maquis* (1997), *La noche inmóvil* (1999). *Maquis*, romance objeto de nosso trabalho, centra seu relato na fase da resistência armada ao regime ditatorial imposto pelo general Franco, entre o fim da Guerra Civil (1936-1939) e os primeiros anos da década de cinquenta. O romance descreve o penoso cotidiano dos habitantes do povoado e a vida dos guerrilheiros, os maquis. A instância narrativa se subdivide em uma multiplicidade de vozes que se complementam, formando uma espécie de identidade coletiva da enunciação. Nessa reconstrução de uma memória coletiva, destaca-se o papel desempenhado pelas mulheres, que dedicam lealdade incondicional aos esposos guerrilheiros.*

Palavras-chave: Memória, narrativa histórica contemporânea, testemunho.

O tema da recuperação da memória da Guerra Civil espanhola passou a constituir-se um verdadeiro fenômeno literário nos últimos trinta anos. Deos autores que vêm praticando uma literatura baseada na reivindicação moral da memória histórica e social espanhola, destaca-se o valenciano Alfons Cervera, cujo projeto literário centra-se em uma trilogia de romances: *El color del crepúsculo*, (1995), *Maquis* (1997), *La noche inmóvil* (1999). A trilogia reconstitui a vida dos habitantes de Los Yesares, nome fictício atribuído ao povoado de Gestalgar, terra natal do escritor, em Valência. *Maquis*, romance objeto de nosso trabalho, descreve o penoso cotidiano dos habitantes do povoado e a vida dos guerrilheiros, os *maquis*, que sobrevivem nas montanhas, sempre perseguidos pela guarda civil.

De acordo com Serrano (2001), os *maquis* existiram de 1937 até 1952. Foram cerca de 6.000 guerrilheiros, dentre os quais cerca da metade morreu nas montanhas, outros se entregaram ou foram capturados e fuzilados e aproximadamente quinhentos sobreviventes conseguiram fugir da Espanha. história se divide em pelo menos três fases: a época dos fugitivos, os chamados “*huidos del monte*” (de 1937 até 1944), a fase da intensificação da guerrilha (de 1945 a 1947) e os últimos anos (de 1948 a 1952).

O romance de Cervera segue a evolução da guerrilha em suas três fases principais, por meio de uma narrativa descontínua composta por microrrelatos. O livro não apresenta divisões em capítulos, mas estrutura-se em cerca de cinquenta sequências curtas, emolduradas por um prólogo e um epílogo. As sequências recorrem geralmente a uma instância narrativa impessoal, sendo que apenas oito delas apresentam um narrador em primeira pessoa.

O prólogo é narrado por Ángel, filho de Sebastián Fombuena, um maquis, que rememora alguns episódios que viveu ou presenciou durante sua infância. Os episódios resumidos por Ángel no prólogo serão narrados durante o romance, alguns de modo reiterado e sob diferentes perspectivas. São

acontecimentos que expressam de modo exemplar o destino trágico dos moradores do povoado ao longo dos anos da resistência armada contra o franquismo. Ángel conta que seu pai matou um guarda civil que o havia surrado por trabalhar em um domingo e, por isso, teve que fugir para as montanhas e reunir-se ao bando do guerrilheiro Olhos Azuis. Também comenta o assassinato de dom Abelardo, o professor facista do povoado, cometido pelo pai de Ángel, Sebastián e seu amigo Nicasio, acontecimento cujas consequências marcariam sua vida para sempre, devido à vingança dos guardas, que consistiu em queimar as mãos e as unhas de Ángel quando ele tinha doze anos, além de espancar sua mãe Guadalupe.

A violenta ação repressiva aparece, assim, como uma das maiores motivações para a resistência armada, ademais da dimensão política constatada precocemente por Ángel: “Naquele dia vi meu pai chorar e sem saber soube o que era medo e também soube que o medo vivia naquela casa com um cartaz vermelho e amarelo na porta onde dizia ‘Tudo pela Pátria.’ Aos cinco anos aprendi que a pátria não podia ser nada de bom e também chorei à noite (...) (CERVERA, 2007, p. 14, trad. nossa).”

Desse modo, o relato de Ángel confere um caráter de veracidade à narrativa, uma vez que ele viveu ou presenciou vários episódios relatados. Sua experiência pessoal de vítima e testemunha confere-lhe uma dimensão exemplar, atuando ao menos no prólogo e no epílogo como um porta-voz da memória de sua coletividade.

A palavra medo impregna o discurso de Ángel, que a repete muitas vezes no prólogo: “Eu sei muito sobre o medo. Sou um mestre do medo”, afirma Ángel já no início de seu relato. O medo onipresente, personificado pela guarda civil, provoca o silêncio que domina todos os habitantes do povoado, assim como toda a Espanha durante a pós-guerra, mas que não teria o poder de apagar a memória daqueles acontecimentos:

Não existem mestres da memória. (...) Só do medo que nos impede de recordar com exatidão a maneira como sucederam os acontecimentos. Entre os nomes está o de Sebastián. (...). Mas há outros nomes que contam nessa historia. E outras vozes. (CERVERA, 2007, p. 14).²

O narrador alude ao fato de que a atividade memorística, sobretudo a rememoração de eventos traumáticos, funciona de modo involuntário e fragmentado. No entanto, a rememoração pode vencer o silêncio, ao dar nome e voz àqueles que foram calados ou mortos pelo franquismo. Na frase “Há outros nomes que contam”, pode-se entrever a dupla acepção atribuída ao verbo contar: **narrar e ter importância.**

Assim, por meio de microrrelatos aparentemente desconectados, surge uma polifonia de vozes que relatam, de modo retrospectivo e fragmentado, a história do cotidiano de violência vivido pelos *maquis* e suas famílias. A ação dos *maquis* já aparece na primeira sequência, quando vemos o guerrilheiro Justino Aparicio anunciar que acaba de matar um guarda civil disfarçado de *maquis*. De modo retrospectivo, na sequência 10, vemos que o mesmo Justino, amigo dos guerrilheiros, foi chantageado pelos guardas civis para que delatasse seus amigos. Na sequência 13, ele guia alguns guardas disfarçados até o Cerro de los Curas, esconderijo dos guerrilheiros. Na sequência 23, o chefe dos *maquis*, Olhos Azuis, encarcerado, comenta a traição de Justino e, em parte, o desculpa. Na sequência 42, o propio Justino explica sua dupla traição e desaparece nas montanhas. Somente na

2 Todas as citações são traduções nossas.

sequência 47 fica claro que Justino havia se suicidado. Pastor Vázquez e Nicasio, amigo de infância de Sebastián, são perseguidos e mortos pelos guardas, assim como Sebastián. Olhos Azuis consegue escapar dos guardas ao provocar um acidente com o caminhão que o transportava até a capital.

Embora apresentem um intrincado jogo de prolepses e analepses, os microrrelatos apresentam uma linguagem simples, incorporando procedimentos característicos da linguagem familiar e da oralidade. Os habitantes do povoado surgem caracterizados apenas pelos nomes, que correspondem em geral aos seus ofícios ou lugares de procedência, como Feliciano *el de Landilla*, Nicanor *el de Losa*, Lorenzo também chamado *Frankenstein* ou Turuta, por ser coveiro além de aguazil. Já Nicasio, “*el de la Negra*”, tem esse apelido porque aos doze anos salvou uma cabra negra de um incêndio, e ganhou na ocasião uma medalha do professor dom Recalde. Os personagens também tendem a ser caracterizados pelo papel que desempenham na história e não por suas características psicológicas, como vemos na descrição de Paco *el Vativos*:

Ao Francisco Cermeño Fernández chamavam *el Vativos* porque antes de subir ao monte era o eletricitista de *Los Yesares*. Chegou ao povoado quando construíram a central elétrica, depois de fazer a guerra com os republicanos em Astúrias, e diziam que tinha sido preso e condenado a morte. (CERVERA, 2007, p. 24).

Cabe ressaltar que a narração recorre a uma instância narrativa impessoal que parece dirigir-se a uma segunda pessoa destinatária da história narrada, aproximando-se, assim, da tradição dos relatos orais.

O guerrilheiro Olhos Azuis, uma das poucas figuras históricas recriadas no romance, inspira-se no lendário personagem homônimo, que se chamava Luis Pérez Martínez, natural de Alcublas, que, sem ser guerrilheiro, se viu obrigado a fugir para as montanhas, após ter cometido um crime. Sua história é cercada de mistério e alguns testemunhos afirmam que ele morreu em uma emboscada em 1947, enquanto que outros asseguram que ele conseguiu fugir para a França, onde morreu somente em 1993.

Na narrativa de Cervera, Olhos Azuis é um personagem emblemático. Está no Cerro dos Curas desde 1936 e, quando encontra-se preso, reflete sobre o curso fatídico da guerrilha, expressando a percepção de um tempo que não tem fim, do qual não existe escapatória nem esperança de vitória: “(...) minha morte será um elo a mais nessa corrente de loucuras que começou há vinte anos e não se vislumbra, (...) a possibilidade de um final que acabe com o sangue e com o fracasso de viver. (CERVERA, 2007, p. 87).”

A ação dos *maquis* aparece intercalada pela rememoração, por parte dos protagonistas, de acontecimentos marcantes, que são narrados repetidas vezes, buscando reproduzir os mecanismos da memória involuntária. A frase dita pelo professor republicano dom Recalde a Sebastián quando ele era ainda um menino, é rememorada em diversas ocasiões:

Só somos o que deixamos. Sebás. Tenha isso sempre presente, (...) (CERVERA, 2007, p. 22)

- Quando era pequeno, dom Recalde o professor me disse que não somos nada. Que só somos o que os demais, quando morremos, recordam da gente. (CERVERA, 2007, p. 72)

Só vale a pena viver se somos uma boa recordação para os nossos, Sebás. (CERVERA, 2007, p. 159)

A repetição da frase parece anunciar que a resistência antifranquista deixará um legado digno de ser recordado aos descendentes dos *maquis*. Outro acontecimento aludido repetidamente pelos personagens é o episódio traumático vivido por Angelín, que tem suas mãos e unhas queimadas pelos guardas. Ao ter que anunciar o assassinato do professor fascista dom Abelardo, Lorenzo, o coveiro, afirma que preferiria denunciar a violência cometida contra Guadalupe e Ángel naquele mesmo dia: "A cada toque do trompete me virá à cabeça o corpo machucado de Guadalupe e as unhas queimadas de Angelín (CERVERA, 2007, p. 87)." Na sequência 38, Guadalupe constata que "as unhas de Angelín têm a cor escura da noite." Aos vinte anos, Ángel tinha "as unhas ainda da cor amarga da tortura (CERVERA, 2007, p. 151)." Assim, a imagem das unhas do menino representa uma mancha indelével, denunciadora da barbárie franquista.

O importante papel desempenhado pelas mulheres durante a guerrilha é retratado na narrativa por meio da figura de Rosário, esposa de Nicasio, e Guadalupe, esposa de Sebastián, as quais sofrem todo tipo de violência ao não delatarem seus esposos. O assassinato de Rosário é recontado várias vezes, ilustrando de modo trágico o destino comum das mulheres dos *maquis*, e elevando-a ao posto de mártir. Ao matar o guarda que o chantageou, Justino também rememora a morte de Rosário: "No sangue do civil misturado com a chuva (...), descobre o sangue de Rosário (...), o medo da gente que fica no povoado para dormir ao rés do terror todas as noites de suas vidas. (CERVERA, 2007, p.144)."

Com relação às referências temporais, pode-se afirmar que a trama de *Maquis* vincula-se sobretudo ao contexto histórico do início da luta antifranquista, nos anos quarenta. As referências temporais implícitas na narrativa permitem seguir a evolução da guerrilha como um itinerário deceptivo, no qual cada acontecimento acaba sendo mais uma etapa em direção ao fracasso. Por exemplo, o fim da segunda guerra mundial e a esperança da intervenção das potências vitoriosas no regime franquista é evocado diversas vezes pelos personagens, como vemos na fala de Sebastián ao guerrilheiro Hermenegildo:

- Os americanos e os russos, Justino, quando acabar a guerra mundial, acabam com Franco e isso será como tem que ser, como tem que ser e não como agora, com tanta Falange e tanto padre e tanta merda e tanto morto. (CERVERA, 2007, p. 56)

Sabe-se que o regime franquista conseguiu evitar a intervenção das potências vitoriosas, bem como a Europa tinha que reerguer-se após uma guerra catastrófica. Assim sendo, conforme observa Tyras (2007), os republicanos espanhóis perderam, após a guerra civil, a sua segunda guerra, a da resistência antifranquista. O relato alude várias vezes a este desenlace funesto para a guerrilha, mas não recalca o fato histórico em si, e sim as consequências que produz na vida e no estado psicológico dos personagens: "E agora já está no final, agora a guerra está agonizando pelos montes e nessa agonia vão morrer todos, os homens e as mulheres, (...) (CERVERA, 2007, p. 125)."

No epílogo, Ángel enfatiza o sacrifício cotidiano das mulheres pela causa guerrilheira, reivindicando sua memória:

As mulheres enlutaram suas vozes e saíam de suas casas fechadas ao sexo e ao afeto com a cabeça afundada no mistério, como se fossem mulheres invisíveis, como se não existissem mais que através de seus vestidos negros e a tristeza infinita que permanecia viva todos os dias em seus olhos. (CERVERA, 2007, p. 170)

A seguir, a lealdade incondicional das mulheres aos esposos que morreram pela causa libertária é reiterada no presente da enunciação. Ao inserir seu testemunho histórico no momento da escritura, Ángel recupera sua importância: “Minha mãe tem hoje setenta e cinco anos e ainda vai ao cemitério todos os domingos. Fica olhando por algum tempo a sepultura do meu pai e às vezes me diz que se lembra como se fosse hoje da tarde em que o mataram na praça. (CERVERA, 2007, p. 170).”

O discurso de Ángel está profundamente motivado pelo curso da história, sobretudo por situar-se ficcionalmente em 1982, ano da concretização da chamada transição democrática, cuja lei de anistia teria implicitamente o valor de uma lei de amnésia: “Agora estamos em 1982, e depois de tanto tempo é como se fôssemos os mesmos de então. Como se fosse impossível esquecer que temos as costas curvadas pelos golpes de chicote ou pelos golpes de silêncio (CERVERA, 2007, p. 13).”

Diante da impossibilidade do esquecimento, coube aos escritores e intelectuais espanhóis romper o silêncio consensual e cumprir com o dever da memória, promovendo a reabilitação dos *maquis*, que foram menosprezados pela historiografia tradicional e escassamente reconhecidos durante a transição democrática. Assim sendo, a narrativa de Cervera assume uma dimensão ética que contrapõe-se à impostura do consenso pós-moderno.

Referências Bibliográficas:

- CERVERA, Alfons. *Maquis*. 6^a. ed. Barcelona: Montesinos, 2007.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.
- SERRANO, Secundino. *Maquis. Historia de la guerrilla antifranquista*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 2001.
- TYRAS, George. *Memoria y resistencia: el maquis literario de Alfons Cervera*. Barcelona: Montesinos, 2007.

1 **Maria de Fátima MARCARI**. Profa. Assistente Dra. - Universidade Estadual Paulista (UNESP) Assis-SP
e-mail fatimarcari@hotmail.com